

PELO MUNDO

Cristina Ruiz-Kellersmann, de Berlim

Prenzlauer Berg

Quando mudei para Berlim, estava claro: queria viver no lado leste da cidade, na parte de Berlim em transformação, onde ainda se podia sentir nas ruas o muro do imaginário, os resíduos dos tempos da RDA, os prédios com fachadas descascadas, alguns carcomidos pelo tempo e pelas balas da Segunda Guerra. Optei por Prenzlauer Berg. Andando de bicicleta à procura de um apartamento, uma rua me agradou bastante: Oderberger Strasse, rua larga, bonita e que desemboca no Mauerpark. Gostei da atmosfera da vizinhança, um espírito alegre. Ao caminhar pelas ruas viam-se muitas crianças, gente jovem, pessoas jogando pingue-pongue nas praças, lojinhas de moda, sorveterias, cineminhas, bares, cafés e restaurantes, sempre lotados. Era verão. As mesas dos cafés tomando conta das calçadas lembravam Paris, mas com a chegada do outono/inverno, o frio deu as caras e o ambiente passaria então a ter atmosfera de Moscou, que afinal não está muito longe de Berlim. Cada bairro berlinense mostra bem as suas características e de certa forma, vai acabar definindo o perfil do morador. A escolha de um bairro vem com um estilo de vida.

Prenzlauer Berg tem uma história interessante. Foi projetado para abrigar famílias proletárias, que ocupavam apartamentos simples, com banheiros comunitários nos corredores. Os prédios dessa época (entre 1870 e 1914) marcam o perfil arquitetônico de Berlim e são maioria em Prenzlauer Berg. Construídos para ocupar o mínimo de espaço e abrigar o máximo de gente, tipo cortiços, têm como característica pátios internos (os *hofs*), entre dois ou mais blocos de apartamentos, uma arquitetura racionalista adaptando moradia e trabalho no mesmo espaço.

No início dos anos 80, as casas eram aquecidas a carvão. Os encanamentos de gás e água eram velhos e insalubres. Com a queda do muro, muitas famílias abandonaram suas residências.

Esse cenário mudou bastante. Nos anos 90, 32 mil apartamentos foram reformados. E com a inevitável gentrificação (processo em que áreas centrais passam a ser supervalorizadas) grande parte da população é obrigada a encontrar novas moradias. O assunto foi e continua sendo debatido na imprensa. O documentário "Lychener Strasse 64" retrata os dois últimos anos dos moradores de um edifício que resistiram a sair até o último minuto. Alguns chegaram a correr risco de vida, morando "despejados" em um prédio já em fase de obras e demolição.

Hoje, só 17% das famílias de Prenzlauer Berg vive na mesma casa há mais de 20 anos — 49,2% dos 144 mil moradores têm entre 20 e 45 anos. Em nenhum outro bairro há tantas grávidas, carrinhos de bebê, lojas de artigos infantis, pracinhas e até cafés exclusivos para mamãe e bebê. É enorme o número de crianças com menos de 6 anos. Há 216 creches. As estatísticas de 2004 evidenciaram um *baby boom*. Nesse ano, o bairro registrou o maior número de nascimentos da Europa, atingindo taxa de natalidade em torno de 2,1 crianças por mulher. A situação foi festejada e apontada como esperança para a Alemanha, que registra há anos taxa negativa de natalidade.

Em 2008, a secretária de Educação fez um alerta para Prenzlauer Berg: "para acompanhar o ritmo de nascimento de bebês será necessária a

construção de uma nova escola por ano." Em 2010, a área entre as praças Helmholtz e Kollwitz é chamada Kinder-City. Há tantas crianças que um café só de adultos foi aberto para o público que prefere surfar na internet, tomando cappuccino sem a bagunça da garotada.

E não é por acaso que a Alemanha é chamada de *Muttersland* (terra mãe). Quando o assunto é maternidade, há vários auxílios no país, entre eles: *Elterngeld* ("auxílio aos pais"), que permite a um dos pais passar um tempo se dedicando ao bebê. Há ainda o *Mutterschaftsgeld* ("auxílio materno"), dado nas seis semanas antes do parto e oito se-

manas após o parto; e o *Kinder-geld* ("auxílio criança") valor fixo para o trato das crianças até 18 anos.

Mas nem tudo gira em torno de crianças. O bairro comporta centros culturais, clubes, bares e restaurantes da cena. Dos locais mais tradi-

cionais, destacam-se o Pfefferberg e o Kulturbrauerei, dois enormes complexos de prédios industriais, construídos no fim do século XIX como cervejarias. Os locais têm histórias semelhantes. Após a queda do muro, tornaram-se pontos de cultura e hoje reúnem lojas, cinemas, teatro, clubes, bares, restaurantes e espaços de eventos.

Prenzlauer Berg sempre foi bairro de ilustres moradores. A chanceler Angela Merkel viveu na famosa Schönhauser Allee, avenida central do bairro que inspirou canções. Nascida em Berlim, foi em Prenzlauer Berg que Nina Hagen cresceu. Integrantes de bandas alemãs como Rammsstein, Tocotronic e Element of Crime também são residentes de Prenzlauer Berg. Na área da literatura, nos anos 50 e 60, viveram no bairro escritores como Jurek Becker ("Jakob, o mentiroso"), Peter Hacks e Dieter Noll.

Na rua Schwedter, quase esquina da Oderberger Strasse e o Mauerpark, vivia Christoph Schlingensief, falecido em agosto aos 49 anos. O diretor de teatro, ópera e cinema esteve no Brasil em 2007 para montar "Navio fantasma ou o holandês voador", de Richard Wagner, no Teatro Amazonas, em Manaus. Schlingensief era figura de circular pelo bairro. Simpático, bonito, inteligente e provocador, mais uma pérola que se foi deixando saudades.

O bairro comporta centros culturais, clubes, bares e restaurantes da cena

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso